

Vicente Sanches

Um homem de sorte

MCMLXXIX

Vicente Sanches



**UM HOMEM
DE SORTE**

FARSA TRÁGICA

2.ª EDIÇÃO CORRIGIDA (QUASE REFUNDIDA)

MCMLXXIX

Vicente Sánchez

UM HOMEM
DE SORTE

Este livro, edição do autor,
acabou de se imprimir na
Gráfica de S. José, Castelo
Branco, em Janeiro de 1979

O protagonista desta peça é uma espécie de símbolo e caricatura daqueles homens que — embora cercados, como todos os homens, por indícios, sintomas, sinais de Sobrenatural, (sinais benignos, ou malignos, ou mistos...) — apesar disso não reconhecem, ou pelo menos não querem reconhecer... o Sobrenatural. Em certo sentido, pois, (como diz a epígrafe tirada do livro do profeta Isaías) ele escuta, sem chegar a compreender; olha, sem chegar a ver.

Outros personagens desta peça reconhecem o Sobrenatural. Mas de uma forma tão grosseira, que se torna equiparável, quase, a não o reconhecerem. Portanto, também eles escutam sem chegar a compreender; olham, sem chegar a ver.

E assim (por exemplo) duplamente se explica a epígrafe — que alguém me censurou de hermética.

VICENTE SANCHES

**LISTA
DAS PERSONAGENS :**

VENANCIO

GERTRUDES

ETELVINA

GREGÓRIO

A COZINHEIRA

1.º JORNALISTA

2.º JORNALISTA

MUITOS JORNALISTAS

e uma galinha (que não se vê; só se ouve cacarejar).

ACTO ÚNICO

Em casa de Venâncio e de Gertrudes. Em cena Gertrudes e Etelvina.

ETELVINA

E vão as nozes para quem não tem dentes!

GERTRUDES

Queria ver se fosse consigo.

ETELVINA

Sentia-me feliz, garanto-lhe. Felicíssima!

GERTRUDES

Pois eu sinto-me infeliz, garanto-lhe. Infelicíssima!

ETELVINA

É boa!

GERTRUDES

Tenho medo, sabe? Um medo horrível!

ETELVINA

Mas... de quê?

GERTRUDES

Dele! Do Inimigo! Do Demónio, do Careca, do
Porco Sujo, do Diabo!

ETELVINA

Olhe lá: e porque é que há-de ser o Diabo? Sim,
porque diabo há-de ser o Diabo?

GERTRUDES

Porque não pode ser outra coisa! Porque só por

influência diabólica se explica que o meu marido já tenha ganhado o prêmio maior da Lotaria — doze vezes!

ETELVINA

Também se pode explicar... por uma graça.

GERTRUDES

Uma graça?

ETELVINA

Uma graça de Deus.

GERTRUDES

De quem?! O Venâncio é ateu! Ora Deus, tão poupado em favores para os devotos, fazia-os tamanhos a um herege?!

ETELVINA

Nesse caso, expliquemos apenas assim: o Venâncio é um homem de sorte.

GERTRUDES

E para cúmulo, agora, — para cúmulo do cúmulo! — jogou três vezes a seguir, e zás, saiu-lhe três vezes a seguir! Nas últimas três semanas — três taludas!

ETELVINA

Muita sorte. Muitíssima sorte!

GERTRUDES

Oh minha amiga: a sorte, a simples sorte, chegará para explicar fenómenos destes?

ETELVINA

É mais natural explicá-los pela sorte, pela simples sorte, do que admitir que o seu marido foi ao Inferno, bateu à porta, chamou o Diabo — e assinou o contrato de lhe entregar a alma, entregando-lhe o Demónio uma fortuna.

GERTRUDES

Eu não digo que ele assinou contrato...

ETELVINA

Então acha que é o Diabo, gratuitamente, desinteressadamente, que faz ganhar o Venâncio à Lotaria?

GERTRUDES

Eu acho que o Mafarrico é tão esperto que até finge não existir — para enganar certas pessoas. O Venâncio, por exemplo, não acredita no Diabo.

ETELVINA

E porque pretende você, à força e à má cara, fazê-lo acreditar?

GERTRUDES

Porque homem prevenido vale por dois. Porque se ele acreditasse podia-se defender. Podia pedir a

benção, a benzedura, àquela mulher que eu conheço, e não é bruxa, mas tem virtude, virtude limpa, virtude branca.

ETELVINA

Em suma, você não queria ser rica.

GERTRUDES

Por este processo, maldita seja a riqueza!

ETELVINA

Sempre ouvi garantir que o dinheiro não tem cheiro.

GERTRUDES

Este cheira-me e muito.

ETELVINA

Mas oh Gertrudes: você constata que o seu marido se aborrece em lhe tocando nessa tecla. Pois bem: não lha toque! Se é pior!

GERTRUDES

De facto, quando lha toco, quando lhe martelo a minha opinião: que é do Maligno que lhe vem o seu bambúrrio, ele parece que me há-de engolir! Grita, insulta, manda-me calar. Que sou uma idiota, que só digo disparates, que até por aí se conhece que sou duma classe social muito baixa, muito inferior à dele...

ETELVINA

Isso também o meu fidalgo me lança em rosto, que eu tenho mau nascimento. — Mas então não cansasse comigo, não é verdade?

GERTRUDES

Claro! É o que eu lhe respondo, ao meu **marquês**. E outras coisas lhe respondo! (Porque ele também me atira com essas coisas e com outras). E ainda ontem me atirou com uma — sem grande importância por acaso, — mas eu estava mal disposta, e até me deram ganas de me atirar a ele!

ETELVINA

E... que foi?

GERTRUDES

A meio de uma conversa, sai-se-me assim: que o que eu precisava era uma rolha no gargalo!

ETELVINA

Imagine!

GERTRUDES

Respondi-lhe à letra: um batoque para ti, desbocado do Inferno!

ETELVINA

E ele?

GERTRUDES

Ficou uma bicha! As minhas respostas à letra

têm o condão de enfurecê-lo. Ai mas aquelas fúrias às vezes metem respeito. — Palavra: já o tenho visto tão raivoso, que até assobial

ETELVINA

Assobia? Como?

GERTRUDES

É difícil de explicar como é que assobia. Mas assobia. Eu fico gelada!

ETELVINA

Culpa sua.

GERTRUDES

Minha? Porquê?

ETELVINA

Porque o faz assobiar.

GERTRUDES

Ai eu é que faço?

EETLVINA

Pois. Vai-lhe com essas histórias de ser o Demónio a inspirá-lo nos bilhetes da Lotaria...

GERTRUDES

Lá isso vou, e hei-de continuar a ir! Pela razão que já lhe disse. E até que ele se convença. E por mais que me custe; por mais que ele proteste e ameace!

EETLVINA

Ai ele... ameaça-a?

GERTRUDES

Minha boa amiga: ele até já se atreveu, ele até já me chegou...

tinhar o jantar. Eu vinha saber... o que a senhora resolve.

GERTRUDES

Hesitei, confesso. Mas decidi-me, afinal. — Mata-se.

A COZINHEIRA

Mata-se?

GERTRUDES

Mata-se a galinha.

Breve silêncio.

A COZINHEIRA

Então... e depois?

GERTRUDES

E depois, faz-se canja.

A COZINHEIRA

E depois?

GERTRUDES

A galinha cozida. Com puré de batata.

A COZINHEIRA

Bem, a senhora manda. Eu obedeco.

E a cozinheira retira-se.

GERTRUDES

Foi uma galinha que de facto ainda pensámos conservar. Deram-no-la de presente.

ETELVINA

Patusca ideia. Por ter sido presente, conservavam-na?; guardavam-na para estimação? (M.) E embalsamavam-na, talvez, quando morresse de morte natural?